

RABI AKIVA, SEGUNDO O TALMUD

RABI AKIVA, ACCORDING TO THE TALMUD

Manu Marcus Hubner¹

RESUMO

Rabi Akiva, nascido no primeiro século da Era Comum, foi um homem de origem muito humilde que se tornou um grande erudito, professor da maioria dos grandes sábios da geração seguinte e cuja esfera de influência se estende da legislação até a ética e a teologia judaicas. Foi capturado, aprisionado e finalmente torturado até a morte pelos romanos. Esse martírio inspira poemas e é um marco na história judaica, estando presente no imaginário histórico do povo judeu por quase dezenove séculos.

PALAVRAS-CHAVE

Judaísmo, Talmud, Akiva, Mártir, Roma

ABSTRACT

Rabbi Akiva, born in the first century of the Common Era, was a man of very humble origin who became a great scholar, teacher of most of the great sages of the next generation and whose sphere of influence extends from Jewish legislation to ethics and theology. He was captured, imprisoned and finally tortured to death by the Romans. This martyrdom inspires poetry and is a landmark in Jewish history, being present in the historical imaginary of the Jewish people for almost nineteen centuries.

KEY-WORDS

Judaism, Talmud, Akiva, Martyr, Rome

¹ Pós-doutorando em Letras, FFLCH-USP, marcushubner@gmail.com

1. História

Podemos dividir a vida de Rabi Akiva em fases bastante distintas: origem humilde, infância e juventude na pobreza e na ignorância, trabalhando como pastor; casamento romântico com uma mulher culta e rica; conversão e aprendizado; ensino e ascensão à liderança; e, finalmente, martírio. O *Midrash*² divide sua vida em três fases: Rabi Akiva foi pastor de rebanhos por 40 anos, estudou Torá por 40 anos, e ensinou Israel por 40 anos³.

Essa é a única descrição física que temos de Rabi Akiva: alto e careca⁴.

Rabi Akiva nasceu entre os anos 40 e 50 E.C.⁵, provavelmente na vizinhança de Lod, na planície próxima à costa do Mediterrâneo, local fértil e úmido, de clima quente. Ao contrário da parte alta do país, dividida em um grande número de pequenas propriedades que mal conseguiam se manter, a fértil planície costeira era controlada por ricos proprietários, possuidores de escravos e empregados⁶.

Rabi Akiva teve uma origem muito humilde⁷. Era filho de Joseph, um camponês pobre, sem-terra⁸. Essas pessoas eram chamadas de *am haaretz*⁹, “pessoas da terra” ou pessoas “incultas”¹⁰, termo utilizado pejorativamente no sentido de “rústico” ou “ignorante”¹¹. Rabi Akiva provavelmente morava em uma casa de tijolos sem revestimento algum, nem ao menos cimento, com teto feito por uma mistura de barro e palha e com parca mobília. Provavelmente

² *Midrash* significa “interpretação textual, estudo”, segundo Jastrow (*A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*, 1903, p. 735). Segundo a *Jewish Encyclopedia*, o termo é entendido como “explicação” ou “exegese”, especialmente referindo-se à Bíblia Hebraica, em contraste com a interpretação literal. O termo *midrash* designa, portanto, uma exegese mais profunda que o entendimento do sentido literal do texto, extraíndo das Escrituras interpretações que não são óbvias. (JACOBS, J.; HOROVITS, S. *Midrash*, em *Jewish Encyclopedia*, disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/10805-midrash>>, acesso em: 18/02/2016).

³ *Midrash Sifre* Dt 34:7.

⁴ *Talmud Berachot* 58a; *Midrash Nm Raba*, Naso 9.

⁵ As opiniões divergem sobre as datas: Rabi Akiva viveu entre 40-135, segundo Kolatch (2003, p. 115-120); 50-132, segundo Ginzberg (2011); 50-135, segundo Johnson (1987).

⁶ Finkelstein (1964, p. 18).

⁷ *Talmud Ber* 27b, *Jer. Ber.* 4:7d; Johnson (1987, p. 141).

⁸ Bader (1988, p. 257) sustenta que Akiva era descendente de Sísera, comandante dos exércitos de Jabin, rei de Hazor (Jz 4), mas essa afirmação é contestada por Ginzberg (2011).

⁹ *Talmud Pessachim* 49b.

¹⁰ Kolatch (2003, p. 115).

¹¹ Finkelstein (1964, p. 18); Ginzberg (2011).

alimentava-se com pão feito de cevada, alguma verdura tipo repolho ou couve, nabos e alho¹², e provavelmente a única bebida que conhecia era água. Comer carne era um luxo reservado aos mais abastados¹³. Anos mais tarde, quando Rabi Akiva pôde adquirir qualquer tipo de alimento que desejasse, ainda assim insistiu que a comida da época da sua infância era digna de agradecimento¹⁴. Quanto às roupas, a vestimenta mais comum seria uma túnica de linho, sobre a qual um pano de lã serviria como capa de dia e manta à noite. Para conseguir sustento, Rabi Akiva começou a trabalhar cedo para algum dos ricos donos de rebanhos da região como pastor¹⁵.

Rabi Akiva não conhecia nem mesmo o alfabeto até os quarenta anos de idade¹⁶. Analfabeto, não teve acesso à educação formal, aos livros, já que, nessa época, as crianças aprendiam apenas dos seus pais. Joshua ben Gemala ainda não havia estabelecido o sistema de ensino rural na Judéia¹⁷. Nessa fase, Rabi Akiva parece ter desenvolvido algum ódio contra os estudiosos: “When I was an am haaretz, I used to say, ‘Would that I had a scholar in my hands and I should bite him like an ass’”¹⁸.

O mérito do milagre da transformação desse homem em um gênio recai sobre sua esposa, Rachel, sobre a qual pouco sabemos além da sua descrição como filha de Yehoshua, mais conhecido pelo seu nome aramaico Kalba Savua¹⁹, um dos três homens mais ricos de Jerusalém naquele tempo²⁰. Nas próprias palavras de Rabi Akiva para seus alunos, “Whatever you have achieved, and whatever I have achieved, belong to her”²¹. Ela não apenas reconheceu o

¹² Finkelstein (1964, p. 19).

¹³ *Talmud Hulin* 84a; *Tosefta Arachin* 4:27.

¹⁴ *Talmud Berachot* 6:8.

¹⁵ Finkelstein (1964, p. 20, 22); Ginzberg (2011); Johnson (1987, p. 141).

¹⁶ Bader (1988, p. 258).

¹⁷ Finkelstein (1964, p. 21).

¹⁸ *Talmud Pesachim* 49b.

¹⁹ *Yadayim* 3:5 em Kolatch (2003, p. 115). Há diferentes opiniões sobre o significado do nome Kalba Savua ou Ben Kalba Savua, cuja tradução literal seria “cão saciado” (tradução nossa). Uma das opiniões acredita que ele seria descendente de Kaleb (esse nome possui muitas aparições na Bíblia Hebraica, entre elas Nm 13:6; Js 15:13; Jz 1:12), devido à similaridade dos nomes; outras opiniões acreditam que esse apelido advém de sua generosidade: se alguém viesse à sua casa faminto como um cão, sairia de lá saciado. Outros acreditam que esse nome signifique um “armazém cheio de grãos” (Bader, 1988, p. 258).

²⁰ Bader (1988, p. 257); Finkelstein (1964, p. 23); Kolatch (2003, p. 115).

²¹ *Talmud Ketubot* 63a.

potencial de Rabi Akiva, como também se casou com ele e conseguiu convencê-lo a abandonar a vida simples de um pastor para se tornar um aluno daqueles estudiosos que foram alvo do seu próprio ódio²²: “Go, and become a scholar”²³, disse ela, por volta do ano 80 E.C.

Inicialmente, suas dificuldades foram imensas: seu sogro recusou-se a aceitar o casamento de sua filha com o pastor ignorante. Rachel foi renegada e deserdada pelo pai²⁴. Rabi Akiva e Rachel foram viver na pobreza²⁵. Inicialmente, o casal não tinha um teto para se abrigar. Provavelmente mantiveram-se com o mínimo necessário de alimentos²⁶. Rabi Akiva conseguiu algum emprego por parte do dia, mas seus ganhos não cobriam suas necessidades básicas de alimentação. Em uma ocasião, Rachel chegou a vender seus cabelos²⁷. Ambos decidiram viver separados, provavelmente por Rachel ter conseguido algum emprego em outro lugar, e essa separação durou vários anos²⁸.

Sua vida de estudante também trouxe desapontamentos, e as dificuldades fizeram-no pensar diversas vezes na desistência e volta à vida de pastor²⁹.

Um momento notável que causou uma profunda mudança na vida de Rabi Akiva foi sua passagem por uma fonte, onde, pela primeira vez, ele notou um sulco produzido na rocha pelas águas. O efeito dessa visão foi o agente catalizador da sua conversão: se as águas que caem podem, aos poucos, furar a pedra, então o conhecimento também poderia, aos poucos, penetrar na sua mente³⁰. Portanto, Rabi Akiva pegou seu filho de quatro ou cinco anos e foi logo procurar um professor de crianças. Ambos aprenderam juntos os estudos

²² Finkelstein (1964, p. 23).

²³ *Talmud Nedarim* 50a.

²⁴ Bader (1988, p. 258); Ginzberg (2011).

²⁵ *Talmud Nedarim* 50a.

²⁶ Finkelstein (1964, p. 24).

²⁷ *Talmud Jer. Shabat* 6:1.

²⁸ Rabi Akiva adotou uma forma de monaquismo enquanto casado, costume que não se tornou popular no judaísmo. Existem exceções, como por exemplo, os *perushim*, ou “separatistas”, em pequenas comunidades de países como a Lituânia, no século XX, que, após o casamento, devotavam-se aos estudos, deixando a questão do sustento nas mãos das mulheres (Finkelstein, 1964, p. 80).

²⁹ Finkelstein (1964, p. 24).

³⁰ *Talmud Avot*, Rabi Natan 6.

iniciais, das letras ao Pentateuco³¹. Agora, chegou o momento de Rabi Akiva partir para a academia rabínica³². Ele estava prestes a abandonar a vida de pastor e adentrar um novo mundo, o mundo dos sábios que ele anteriormente odiava³³.

O contexto histórico da época é bastante complexo. É provável que Rabi Akiva tenha nascido durante o reinado de Agripa I (40-50 C.E.), neto de Herodes³⁴, um período de relativa paz. Os judeus possuíam um pequeno império dentro do grande império romano, já que o rei possuía alguma autonomia, e o Templo arrecadava uma fortuna, tendo assim que pagar enormes tributos aos romanos. O sacerdote Gemaliel I, neto de Hilel, gozava de grande prestígio. Promoveu justiça social e educação, com o apoio do rei. Foi bastante tolerante com todos, inclusive com os cristãos, que, após menos de uma década da crucificação de Jesus, ainda observavam a lei judaica e não haviam rompido com a teologia rabínica. A principal discórdia entre judeus e cristãos era sobre o status de messias de Jesus³⁵.

Agripa I faleceu em 50³⁶, enquanto Rabi Akiva ainda estava na sua infância, e sua morte trouxe decadência ao reino³⁷ - iniciou-se um período de tumultos³⁸ e rebeliões³⁹. A autoridade de Agripa II, filho e herdeiro do rei anterior, estaria subordinada aos procuradores romanos⁴⁰, avarentos, tiranos e irresponsáveis⁴¹, que buscavam apenas seu enriquecimento e aumento de poder.

³¹ Bader (1988, p. 258); Finkelstein (1964, p. 27).

³² Ibid.

³³ Finkelstein (1964, p. 75).

³⁴ Ben-Dov (2002, p. 120).

³⁵ Finkelstein (1964, p. 8-9).

³⁶ Ben-Dov (2002, p. 120).

³⁷ Finkelstein (1964, p. 10).

³⁸ Nesse período, as disputas entre fariseus e saduceus eclodiram com grande vigor, alcançando até mesmo brigas com ferimentos físicos. Há um exemplo de violência relatado: um sumo-sacerdote saduceu teve sua orelha permanentemente ferida numa disputa com um fariseu (*Tosefta Pará* 3:8, p. 632). Apenas após a destruição do Templo de Jerusalém, fato que trouxe a necessidade de uma extrema união, essas diferenças entre facções se tornaram triviais (Finkelstein, 1964, p. 78).

³⁹ Finkelstein (1964, p. 27).

⁴⁰ Ben-Dov (2002, p. 120).

⁴¹ Finkelstein (1964, p. 10).

A rebelião que estourou em 66, quando Rabi Akiva ainda era jovem, foi um dos mais terríveis eventos da história judaica⁴², e culminou com a destruição do Templo de Jerusalém. Além disso, outras duas rebeliões catastróficas estariam para eclodir, uma delas no reinado do imperador Trajano e a seguinte, no reinado do imperador Adriano, conhecida como a revolta de Bar-Kohba⁴³.

Segundo o Talmud, a decadência econômica atingiu níveis catastróficos: seis pessoas cobriam-se com o mesmo cobertor, crianças menores do que sete anos precisavam trabalhar pelo seu sustento, pessoas se amontoavam nas ruas padecendo de fome⁴⁴.

O sacerdote Gemaliel I foi sucedido por seu filho Simão, uma figura controversa que, junto com Johanan ben Zakkai e o sumo-sacerdote Hanan, tornaram-se líderes dos judeus⁴⁵. Simão acabou morrendo no período da destruição de Jerusalém pelos romanos. Johanan ben Zakkai, por sua vez, foi um grande perseguidor da paz e desenvolvedor dos estudos, aquele que mais contribuiu para preservar o judaísmo rabínico quando o Templo foi destruído⁴⁶. Estabeleceu em Jerusalém uma academia de estudos avançados e um fórum público de palestras, ambos permaneceram até o início da revolta do ano de 66, quando Johanan já era um homem idoso⁴⁷.

Nesse período, Josefo, inimigo político de Simão, torna-se governador da Galiléia, que é logo invadida por Vespasiano. Na cidade de Jotapata, cercada pelos romanos, Josefo, junto com quarenta soldados, decidem pelo suicídio em massa, e sorteiam a ordem das matanças. Josefo consegue manipular o sorteio para ser o último a morrer, e rende-se aos romanos. Sabendo que será enviado ao imperador Nero acorrentado, Josefo declara-se um profeta, e prevê a coroação de Vespasiano como imperador de Roma. Quando esse fato se concretiza, após dois anos, Josefo torna-se amigo de Vespasiano e de seu filho

⁴² Johnson (1988, p. 137).

⁴³ Finkelstein (1964, p. 11).

⁴⁴ *Talmud Sanhedrin* 203; *Ketubot* 49b; *Baba Batra* 91b.

⁴⁵ Finkelstein (1964, p. 50, 54).

⁴⁶ *Ibid.*, p. 60. Johanan ben Zakkai acreditava, assim como Rabi Akiva faria, no futuro, na devoção à Torá: "If you have studied much Torah, take no pride, for study is the purpose of your creation" (*Talmud Abot* 2:8); "... study the Torah, and you will live" (*Talmud Rosh Hashanah* 18a).

⁴⁷ Finkelstein (1964, p. 62-63).

Tito, e recebe os direitos de cidadão romano, pensão e terras na Judéia. Josefo escreve a história do triunfo romano sobre seu próprio povo⁴⁸.

Em 68, Vespasiano, após destruir várias cidades dos judeus, decidiu marchar contra Jerusalém. Foram dois anos de tensão, em que facções, ao invés de se unirem contra o invasor, lutaram umas contra as outras, destruindo assim as reservas de alimentos da cidade e condenando à morte líderes opositores. Consciente da desunião interna na cidade, Vespasiano retardou seu ataque, esperando que os habitantes se destruíssem a si mesmos, poupando suas tropas. Porém, uma revolta eclodiu contra Nero, e as ambições de Vespasiano fizeram-no resolver tirar proveito da situação, porém, para isso, precisava destruir logo a cidade. Mesmo que os romanos não atacassem e destruíssem as muralhas da cidade, a fome e a sede trariam a rendição⁴⁹.

Os líderes da cidade não aceitavam a opção da rendição, e não havia comunicação alguma com os romanos. Não era permitido sair da cidade. Um plano secreto foi arquitetado entre Johanan, Ben Betiah, seu sobrinho e um dos líderes revolucionários, e dois discípulos de Johanan, Eliezer ben Hyrkanos, um nacionalista, rico dono de terras que abandonou a casa de seu pai para estudar a Torá e tornou-se um grande sábio⁵⁰ e Joshua ben Hanania, um pacifista, matemático, astrólogo e cantor do Templo (tornou-se fabricante de agulhas após a destruição do Templo). Johanan simulou sua doença e morte para que fosse levado para fora da cidade para ser enterrado por seus alunos. Assim, poderia contatar Vespasiano e estabelecer uma nova academia em alguma outra cidade, já que Jerusalém estava condenada⁵¹. E Johanan conseguiu o consentimento de Vespasiano para seu modesto pedido. Escolheu a cidade de lavne, na costa do Mediterrâneo, já habitada por desertores e refugiados judeus, próxima de Lod⁵². Vespasiano abandonou o cerco a Jerusalém em 69 para ser proclamado imperador de Roma, e enviou seu filho Tito, na época com vinte e nove anos de idade, para terminar a conquista da cidade, no ano 70⁵³.

⁴⁸ Ibid., p. 57-59.

⁴⁹ Ibid., p. 64-65.

⁵⁰ Finkelstein (1964, p. 77).

⁵¹ Ibid., p. 65.

⁵² Ben-Dov (2002, p. 134); Finkelstein (1964, p. 68).

⁵³ Johnson (1988, p. 137).

Após a queda de Jerusalém, no ano 70, durante o reinado de Vespasiano, a cidade estava em ruínas, com seu templo e sua muralha destruídos.⁵⁴ Estima-se que 1.197.000 judeus tenham sido mortos ou vendidos como escravos.⁵⁵ Entretanto, a cidade de lavne e a academia de Johanan estavam prontas para receber os refugiados. Johanan se torna, portanto, o líder espiritual da geração. Recebeu o título de “Rabban” e guiou os judeus num período de grande adversidade⁵⁶.

Rabi Akiva chega em lavne logo após a morte de Johanan⁵⁷. Foi calorosamente recebido por Joshua ben Hananya, porém, devido ao pouco tempo disponível para ensinar principiantes, Joshua enviou Rabi Akiva para aquele se tornou seu amigo mais próximo, Tarfon⁵⁸. Tarfon, inicialmente seu professor⁵⁹, acabou tornando-se seu admirador⁶⁰. Rabi Akiva também adquiriu conhecimento e inspiração proveniente de outro mestre, Nahum de Gimzo, o qual acreditava que cada palavra, e até mesmo cada letra das Escrituras tinham significado⁶¹. Nahum ensinou Rabi Akiva a ver a vida com conformação e responder, a cada contratempo, “isso também é para o bem”, *gam zu le-tovah*⁶². Akiba, após uma rejeição inicial, foi finalmente aceito como aluno de Eliezer ben Hyrkanos⁶³, com o qual possuía algumas desavenças⁶⁴.

⁵⁴ Ibid., p. 140.

⁵⁵ Ibid., p. 148.

⁵⁶ Finkelstein (1964, p. 66-70).

⁵⁷ Ibid., p. 72.

⁵⁸ Ibid., p. 79.

⁵⁹ *Talmud Ketubot* 84b.

⁶⁰ *Midrash Sifre Nm* 75.

⁶¹ Bader (1988, p. 258, 260); Finkelstein (1964, p. 89).

⁶² Kolatch (2003, p. 116).

⁶³ Bader (1988, p. 258); Finkelstein (1964, p. 91).

⁶⁴ Um exemplo é sobre a era messiânica que, segundo Eliezer ben Hyrkanos, deve durar três gerações (*Midrash Mekhilta Beshalah*, Amalek, cap. 2); para Rabi Akiva, apenas quarenta anos (*Pesikta Rabbati* 1:4a; *Midrash Psalms* 90:17, 197a). Outro exemplo: Segundo Eliezer ben Hyrkanos, não somente os sacrifícios eram permitidos no sétimo dia, como também todas as atividades auxiliares, como afiar facas e preparar fogo, já que os sacrifícios devem ser feitos “no tempo designado” (“Manda aos filhos de Israel o seguinte: Tereis o cuidado de me trazer no tempo designado, meus manjares, as ofertas de alimento preparadas no fogo com aroma que me seja agradável”, Nm 28:2). A resposta de Rabi Akiva, “Indeed, but show me where it says that knives must be sharpened in the appointed seasons”, provoca uma reação drástica de Eliezer ben Hyrkanos: “Akiba, you have refuted me from the laws of slaughter, by slaughter shall you meet your death” (*Talmud Pessachim* 6:1, 6:4:33c; *Tossefta* ibid. 5:1, p. 163; *Midrash Sifre Zutta* 9:2, p. 257).

Rabi Akiva se sustentava juntando pedaços de madeira para venda⁶⁵. Tarfon, bem-sucedido e generoso, sempre lhe oferecia ajuda, mas Akiba recusou-se a receber mais do que instrução. Quando recebia alguma quantia, distribuía essa quantia aos mais necessitados do que ele⁶⁶.

Após oito a dez anos sob a tutela de Joshua ben Hanaya e Nahum de Gimzo, Rabi Akiva foi conquistando sua posição de mestre. Começou a ensinar após treze anos de estudos⁶⁷. Tornou-se um grande erudito⁶⁸, uma autoridade reconhecida, um juiz, um homem maduro, sofisticado e idealista⁶⁹.

Durante um período de seca, foi declarado um jejum e Eliezer foi chamado para liderar as orações de requisição de chuvas. Num segundo jejum, Rabi Akiva oficiou as orações e, assim que pronunciou as palavras improvisadas “Our Father, Our King, we have no King besides Thee. Our Father, Our King, pity us for Thine own sake”, começaram as chuvas! A multidão ficou indescritivelmente espantada com aquilo que chamaram de milagre – como se a preferência divina recaísse sobre Rabi Akiva⁷⁰.

Discordando da postura adotada pela liderança de Gemaliel, Rabi Akiva deixou lavne e tornou-se professor na pequena cidade de Zifron, na Galiléia⁷¹. Seus colegas expressaram sua falta, e Gemaliel convidou-o de volta. Rabi Akiba voltou fortalecido⁷².

Gemaliel foi substituído pelo jovem Elazar ben Azariah⁷³. Destituído do cargo, Gemaliel parece ter se tornado mais humilde, e tornou-se mais próximo de Rabi Akiva⁷⁴.

⁶⁵ Bader (1988, p. 259); Finkelstein (1964, p. 80).

⁶⁶ Finkelstein (1964, p. 80-81).

⁶⁷ Ginzberg (2011).

⁶⁸ Johnson (1987, p. 141).

⁶⁹ Finkelstein (1964, p. 94).

⁷⁰ Bader (1988, p. 275); Finkelstein (1964, p. 105).

⁷¹ Gemaliel recusou-se a ordenar sábios de origem plebeia e humilhou Joshua publicamente (Finkelstein, 1964, p. 125-126). Em outra ocasião, Gemaliel convocou sete sábios para um comitê que deveria decidir questões complexas sobre o calendário. Ao chegar para o encontro, oito homens se encontravam no recinto. Bravo, ordenou que aquele sujeito que havia comparecido sem ser convidado deveria sair. Samuel, o Pequeno, levantou-se e caminhou em direção à porta. Gemaliel sabia que Samuel havia sido convidado, e estava apenas protegendo a reputação de outra pessoa. Portanto, ordenou que Samuel permanecesse no recinto (*Midrash Sifre Nm 4:7; Sifre Zutta 5:10*, p. 237; *Talmud Baba Kama 113a; Jer. Avoda Zara 2:4*, 41b).

⁷² Finkelstein (1964, p. 118).

⁷³ Finkelstein (1964, p. 125-126).

⁷⁴ *Ibid.*, p. 129.

Rabi Akiva sempre manifestou uma grande preocupação com os pobres⁷⁵, e tornou-se um “encarregado dos pobres”⁷⁶. Esse cargo obrigava-o a levantar fundos para os pobres, portanto, Rabi Akiva acabou viajando por diversas regiões, entre as quais Capadócia, Arábia e Egito⁷⁷. O Talmud registra ocorrências em várias dessas viagens.

Quando Rabi Akiva estava na Arábia, o rei consultou-o sobre a fidelidade da esposa, pois tanto o rei quanto a rainha eram negros e o filho deles, branco. O rei estava prestes a condenar a rainha à morte. Rabi Akiva perguntou ao rei se haviam esculturas brancas no palácio onde moravam, e o rei respondeu afirmativamente. Rabi Akiva respondeu que a observação da cor das estátuas afetou a cor da criança, pois Jacó enganou a Labão colocando varas de galhos com listras brancas diante das ovelhas no tempo de acasalamento⁷⁸.

Um rapaz que sobreviveu a um terrível naufrágio contou para Rabi Akiva que, ao embarcar, deu uma moeda a um pobre, que o abençoou: “Como você me deu vida, que sua vida seja salva”. Quando o jovem estava se afogando, ouviu as ondas dizendo umas às outras: “Vamos salvar o homem que fez o bem por toda a sua vida”⁷⁹.

No ano 95, Roma iniciou uma nova política restritiva contra os judeus, após quinze anos de aparente conciliação. Finkelstein acredita que o motivo seja um grande número de conversões ao judaísmo, inclusive por parte de nobres romanos⁸⁰, como é o exemplo de Flavius Clemens, sobrinho do imperador Domitiano⁸¹. Quatro grandes sábios, Gemaliel, o levita Joshua, o sacerdote Eleazer ben Azariah e Rabi Akiba decidiram viajar à Roma. Para os dois últimos, era uma nova experiência, e a viagem se tornou um marco na vida de Rabi Akiba⁸².

⁷⁵ Johnson (1987, p. 141).

⁷⁶ “Overseer of the poor” (Ginzberg, 2011; Finkelstein, 1964, p. 130).

⁷⁷ Finkelstein (1964, p. 130).

⁷⁸ *Midrash Tanhuma, Naso* 13:16a. “Então Jacó apanhou galhos verdes de estoraque, amendoeira e plátano e neles fez listras brancas, descascando-os parcialmente e expondo assim a parte branca interna dos galhos” (Gn 30:37).

⁷⁹ *Talmud Avot*, R. Natan 1, 3:9a.

⁸⁰ Finkelstein (1964, p. 135).

⁸¹ Ginzberg (2011).

⁸² Referências à essa viagem: *Mishna Maaser Sheni* 4:1; *Tossefta Yom Tob* 2:12, p. 204; *Succah* 23a, 41b; *Makot* 24a; *Sifre Dt* 43; *Jer. Yerubin* 1:19b, *Succah* 2.4, 52d).

Antes da viagem, resolveram passar pelas ruínas do Templo de Jerusalém, orando por segurança e sucesso na jornada. Chegando ao Templo, observaram uma raposa sobre as ruínas, fato que despertou o pranto de três dos quatro viajantes: “Nós vivemos para ver a realização do versículo ‘O monte Sião está arrasado e deserto; e os chacais passeiam rapineiramente por ele’”⁸³. Akiva responde: “Devemos nos alegrar. As Escrituras previram tanto a destruição do Templo quanto a sua reconstrução. Podemos esperar o cumprimento das boas promessas, porque o pior já aconteceu”⁸⁴.

Ao chegarem ao grande porto de Puteoli, o grande movimento despertou o pranto de três dos quatro viajantes: “Como podemos evitar as lágrimas, quando Jerusalém está em ruínas, enquanto essa cidade de idolatria está florescendo?” Akiva responde: “Pela mesma razão estou rindo. Se essa é a recompensa daqueles que desobedecem a vontade divina, como deve ser grande a glória daqueles que o obedecem!”⁸⁵.

O imperador Domitiano, segundo filho de Vespasiano, sucessor de Tito, falece durante a estadia dos sábios em Roma, e foi sucedido, por sua vez, por Nerva, em setembro de 96. Até os anos de 110-112, houve um período de tranquilidade política e prosperidade, apesar da preservação do sonho judaico do reestabelecimento do Templo. Nerva viveu até o ano de 98, quando foi sucedido por Trajano, cujo pai havia comandado uma das legiões que destruiu o Templo de Jerusalém⁸⁶.

Ao retornar de Roma, Rabi Akiva dedicou-se à formulação de seus princípios jurídicos e clarificação de suas ideias teológicas⁸⁷. Sua Mishná se tornou muito popular – a codificação básica da Lei rabínica⁸⁸.

É interessante notar as mudanças na concepção religiosa que começavam a surgir: os trabalhos rabínicos, até então, eram preservados oralmente⁸⁹, transmitidos de geração a geração por uma classe especial de

⁸³ Lm 5:18.

⁸⁴ Finkelstein (1964, p. 137).

⁸⁵ Ibid., p. 139.

⁸⁶ Kantor (2007, p. 143).

⁸⁷ Finkelstein (1964, p. 154).

⁸⁸ *Talmud Sanhedrin* 86a.

⁸⁹ *Talmud Guittin* 60b.

memorizadores profissionais. Quanto tornou-se óbvio que a memorização da tradição oral resultaria no desaparecimento da Lei, foi permitido escrever o conhecimento em pergaminhos⁹⁰. Além disso, as rezas diárias nas sinagogas aos poucos foram tomando o lugar dos sacrifícios do Templo⁹¹. Naquele tempo, ainda havia cinzas da vaca vermelha e água para purificação que alguém havia trazido até lavne, preciosas relíquias para aqueles que se impurificavam⁹², mas, em pouco tempo, a purificação passou a ser feita sem as cinzas.

Rabi Akiva, que teria vindo para a academia há pelo menos quinze anos, alcançou a incrível marca de vinte e quatro mil discípulos⁹³. Aos sessenta e cinco anos de idade, acompanhado por seus filhos⁹⁴ e discípulos, Rabi Akiva iniciou o estabelecimento de sua academia permanente, em Bene Berak⁹⁵.

Uma de suas filhas casou-se com Shimon ben Azzai, um rapaz pobre e ignorante que foi convencido a estudar, assim como Rabi Akiva⁹⁶.

Adivinhos afirmaram que a filha de Rabi Akiva morreria picada por uma serpente na noite do seu casamento. Esquecida a previsão, após a festa de casamento, ao remover suas roupas, ela enfiou um alfinete em um furo na parede. Na manhã seguinte, ela percebeu que havia matado uma serpente com a agulha. Quando Rabi Akiva questionou o milagre, ela se lembrou que, durante a festa de casamento, surgiu um homem pobre no portão e ela, vendo que ninguém havia prestado atenção naquele homem, deu-lhe um dos caros presentes que ela havia ganhado na festa. Rabi Akiva concluiu que a caridade salva a pessoa da morte⁹⁷.

Há uma narrativa mística envolvendo Rabi Akiva e dois de seus alunos mais próximos, Ben Azzai e Ben Zoma, e seu oponente, Elisha ben Abuyah. Os

⁹⁰ Finkelstein (1964, p. 170).

⁹¹ Ibid., p. 217.

⁹² *Talmud Hagiga* 25a.

⁹³ Segundo diversas opiniões, Rabi Akiva chegou a ter 12000 (*Gn Raba* 41:3), 24000 (*Talmud Yebamot* 62b) ou 48000 (*Talmud Nedarim* 50a) alunos. Todos morreram porque, Segundo o Talmud, "They did not treat each other with respect" (*Talmud Yebamot* 62b).

⁹⁴ Rabi Akiva teve dois filhos e duas filhas, segundo Finkelstein (1964, p. 136), ou sete filhos e uma filha, segundo Kolatch (2003, p. 116), e perde um filho, Simeon (Finkelstein, 1964, p. 246). Muitas são as orientações de Rabi Akiva sobre as funções dos pais, entre elas, é dever de um pai ensinar os filhos a nadar (*Midrash Mekhilta* Bo 18; *Talmud Jer. Kidushin* 1:7, 61a).

⁹⁵ Bader (1988, p. 262); Finkelstein (1964, p. 135); Kolatch (2003, p. 117).

⁹⁶ Kolatch (2003, p. 116).

⁹⁷ Cf. Pr 10:2. (*Talmud Shabat* 156b).

quatro indivíduos adentraram o Éden. As consequências não foram felizes: Elisha perdeu a sua fé, Ben Zoma sua razão e Ben Azzai, sua vida. Rabi Akiva foi o único a sair ileso⁹⁸.

Ben Azzai, genro de Akiva, acreditava que os sábios estavam sendo covardes, por não enfrentarem os romanos⁹⁹. Deixou registrada a seguinte máxima: “There are three people whose life cannot be called life at all: he who must rely on the table of another, he who lives in another man’s garret, and he who is ruled by his wife”¹⁰⁰.

Ben Zoma, aquele que acaba enlouquecendo, consegue convencer a todos que os milagres do Êxodo do Egito devem ser lembrados duas vezes por dia¹⁰¹. Ele dizia: “Who is a true sage? He who learns from every man. Who is truly strong? He who controls his passions. Who is truly wealthy? He who is content with his portion. Who is truly honored? He who honors his fellow-creatures”¹⁰².

Elisha ben Abuya, aquele que se afastou de sua fé, resolve que, entre os romanos, que são mais poderosos, terá mais honra do que entre os judeus, condenados à extinção pelas mãos dos romanos. Portanto, une-se aos poderosos¹⁰³. Ben Abuya fala como se fosse um oponente de Rabi Akiva:

He who studies the Torah in his youth, absorbs it in his blood, and then the words of the Torah come from his mouth clearly and distinctly; but if a person begins his studies in advanced years, the words of the Torah are not absorbed in his blood, and do not come forth from his mouth clearly; He who studies in his youth is like unto ink written on new paper, while he who begins his studies in maturity is like ink written on used paper¹⁰⁴.

Elisha tornou-se um apóstata e traidor. Acabou ignorado pelos romanos, pobre (sua própria filha precisou mendigar) e menosprezado pelos judeus. Meir foi o único que permaneceu ao seu lado, para o qual Elisha disse

⁹⁸ *Midrash Gn Raba* 61:3, p. 660.

⁹⁹ Finkelstein (1964, p. 242).

¹⁰⁰ Shimon Ben Azzai, aluno e genro (*Talmud Ketubot* 63a) de Rabi Akiba (*Talmud Avot*, R. Natan I, 25:41b).

¹⁰¹ Finkelstein (1964, p. 240).

¹⁰² Ben Zoma, *Talmud Avot* 4:1.

¹⁰³ Finkelstein (1964, p. 241).

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 111.

que ouviu uma voz celestial afirmando que o arrependimento de todos será aceito, menos o seu¹⁰⁵.

Outro aluno importante de Rabi Akiva foi Aquila de Pontus, um romano que se converteu para o cristianismo e, finalmente, para o judaísmo, e traduziu a Bíblia para o grego, séculos após a Septuaginta¹⁰⁶.

Cinco alunos de Rabi Akiva tornaram-se célebres: Meir, Yehuda bar Ilai, Yosei ben Chalafta, Shimon bar Iochai e Elazar ben Shamua¹⁰⁷.

Rabi Akiva gostava de dar suas lições à sombra de uma figueira. Estudantes de diversas classes e grupos sociais vinham ouvi-lo de todas as partes do país. Seu poder sobre seus discípulos advinha da sua ternura para com eles, como também da sua habilidade pedagógica¹⁰⁸. Rabi Akiva costumava visitar seus alunos quando estavam doentes¹⁰⁹.

Quando estava separado de sua esposa por doze anos, Rabi Akiva voltou para casa, e ouviu uma vizinha censurando sua esposa pelos anos de separação do marido. Rachel respondeu: “Se ele fosse seguir meu conselho, ficaria longe mais doze anos”. Ouvindo isso, Rabi Akiva voltou para a academia sem ao menos ter adentrado sua casa, e lá permaneceu por mais doze anos, totalizando vinte e quatro anos longe da sua esposa¹¹⁰. Quando finalmente retornou, uma multidão veio recebê-lo, e sua esposa não conseguiu se aproximar. Rabi Akiva correu até ela, dizendo: “I am what I am because of her. Let us bow and offer thanks to this noble woman”¹¹¹.

Rabi Akiva atingiu uma certa estabilidade financeira provavelmente pela reconciliação com seu sogro, Ben Kalba Savua, que eventualmente teria lhe deixado metade dos seus bens¹¹².

O contexto histórico começa a tornar-se cada vez mais complicado. O imperador Trajano anuncia a permissão para a restauração dos serviços do Templo de Jerusalém no dia 12 de adar, véspera das comemorações da festa

¹⁰⁵ *Talmud Hagiga* 15b.

¹⁰⁶ Finkelstein (1964, p. 165); Ginzberg (2011).

¹⁰⁷ *Talmud Yebamot* 62b.

¹⁰⁸ Finkelstein (1964, p. 168, 170).

¹⁰⁹ *Talmud Nedarim* 40a.

¹¹⁰ *Talmud Nedarim* 50a.

¹¹¹ *Talmud Ketubot* 62b; Bader (1988, p. 259); Kolatch (2003, p. 117).

¹¹² Bader (1988, p. 260); Finkelstein (1964, p. 216); Kolatch (2003, p. 117).

de Purim, que comemora a vitória dos judeus sobre Haman no império persa, como também a vitória dos Macabeus sobre Nicanor. Esse dia foi apelidado de “dia de Trajano”¹¹³.

Começam as escavações na montanha do Templo, e ossos são encontrados, iniciando uma discussão sobre a pureza do local¹¹⁴.

Os cristãos se posicionam contra a reconstrução do Templo, por acreditarem que a destruição era uma punição imposta aos judeus, por não terem aceitado Jesus como messias¹¹⁵.

Curiosamente, os romanos tinham dificuldades em diferenciar judeus e cristãos, a ponto de, durante a perseguição aos cristãos, prenderem o sábio judeu Eliezer ben Hyrcanos, acusado de praticar o cristianismo. O juiz foi convencido de sua inocência antes mesmo do julgamento¹¹⁶.

Assim como os cristãos, os samaritanos posicionaram-se contra a reconstrução do Templo, exatamente conforme seu comportamento no sexto século AEC, quando levaram suas reclamações à capital do império persa. Os romanos não voltaram atrás na permissão para a restauração do Templo, mas atrasaram e reduziram a concessão ao menor patamar possível. Cinco anos se passaram com negociações e sem progressos consideráveis. O imperador Trajano estava ocupado demais com a guerra contra os partos, e adiou o assunto do Templo. Na prática, era como se o imperador voltasse atrás em sua promessa, o que causou revolta aos mais nacionalistas, liderados por Ismael, discordando das posições mais equilibradas e pacifistas de Rabi Akiva e de seus seguidores¹¹⁷.

A revolta começou a ficar violenta por ocasião da visita do imperador Trajano ao Egito. Os judeus egípcios iniciaram, irresponsavelmente e sem possibilidade de vitória, uma rebelião armada, rapidamente e impiedosamente massacrada pelos romanos¹¹⁸. Os cipriotas, seguindo a linha de ação romana,

¹¹³ Finkelstein (1964, p. 219).

¹¹⁴ *Tossefta Eduyot* 3:3, p. 459.

¹¹⁵ Finkelstein (1964, p. 223).

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 224-225.

¹¹⁷ Finkelstein (1964, p. 226-228).

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 232. Segundo Kantor (2007, p. 143), a população grega de Alexandria, no Egito, massacrava praticamente toda a comunidade judaica local, aproximadamente um milhão de judeus, enquanto os romanos apenas observavam, sem interferência alguma.

também massacraram a população judaica local e criaram leis proibindo a imigração de judeus¹¹⁹. Lucius Quietus, general romano, foi enviado para a Judéia, no intuito de suprimir, com mãos de ferro, qualquer possibilidade de revolta. O general instituiu a lei *lus primae noctis*, permitindo aos soldados capturar mulheres recém-casadas antes da noite de núpcias com o marido. Além disso, os romanos julgaram e executaram publicamente Julianus e Pappus, que iniciaram a revolta na Judéia, no intuito de incutir medo na população. Porém, o único efeito provocado por todas essas atitudes foi revolta e cancelamento do “dia de Trajano”¹²⁰.

Trajano adoece subitamente, deixando o comando do exército com o marido de sua sobrinha, Adriano (Publius Aelius Hadrian). Quando Trajano morre no caminho para Roma, o exército declara Adriano seu sucessor. Um dos seus primeiros atos foi ordenar a execução de Lucius Quietus, por ser seu opositor¹²¹. Adriano puniu com a morte os responsáveis pelo massacre dos judeus de Alexandria e ordenou a reconstrução do bairro judaico¹²², portanto, era inicialmente simpático ao judaísmo, apesar de ser particularmente contra a circuncisão¹²³.

O novo governador mudou a autoridade rabínica de lavne para Lod e proibiu a regulamentação do calendário¹²⁴. Rabi Akiva, já por volta dos setenta anos de idade, foi enviado para Nahardea, no atual Iraque, próximo ao Eufrates¹²⁵, sob domínio dos partos, para, de lá, calcular o calendário¹²⁶.

Rabi Akiva se torna líder do tribunal rabínico em Usha no ano de 120¹²⁷, enquanto Tineius Rufus foi nomeado governador, e, inicialmente, mostrou-se amigável¹²⁸.

¹¹⁹ Finkelstein (1964, p. 232-233). Segundo Kantor (2007, p. 143), os judeus cipriotas estavam mais bem organizados e lutaram contra seus agressores.

¹²⁰ Finkelstein (1964, p. 232-233).

¹²¹ Ibid., p. 234; Kantor (2007, p. 144).

¹²² Kantor (2007, p. 144).

¹²³ Johnson (1988, p. 140).

¹²⁴ Finkelstein (1964, p. 235-236).

¹²⁵ Segundo Ginzberg (2011), no ano de 110; segundo Kantor (2007, p. 143), no ano de 107.

¹²⁶ Finkelstein (1964, p. 237).

¹²⁷ *Talmud Chaguiga* 5b; *Yevamoth* 62b; *Ketubot* 62b-63a; *Nedarim* 50a; *Eruvin* 53b; Kantor (2007, p. 144).

¹²⁸ Finkelstein (1964, p. 244-245).

Os romanos, cada vez mais, aumentavam os decretos contra práticas judaicas. A política romana era a supressão do judaísmo. Após o ano 125¹²⁹, a situação agravou-se consideravelmente. Os romanos proibiram a circuncisão, a pretexto de que seria uma mutilação do corpo, a recitação do *Shema*, a principal oração judaica, a leitura do livro de Ester na festa de *Purim*, e o toque do *shofar* nos dias santos. Além disso, os rabinos foram proibidos de fazer divórcios e *halitza*¹³⁰. Adriano iniciou a deportação de judeus para o norte da África¹³¹.

Ishmael tornou-se líder dos nacionalistas, a maioria dos quais desejava a resistência armada contra a política romana. Portanto, Ishmael anunciou que “faced with the thread of death a Jew may violate any commandment, even that against idol-worship”¹³², afirmando que o judaísmo precisava de soldados, e não de mártires. O número de nacionalistas cresceu rapidamente.

Em oposição aos nacionalistas, estavam os submissos, aqueles que cooperavam com os romanos, o radical Elisha ben Abuya com seus seguidores e o moderado Jose ben Kisma, além de muitas pessoas que desejavam a paz¹³³. Elisha ben Abuya tirava as crianças judias das escolas para que não aprendessem a Torá; Jose ben Kisma tentou persuadir Chananiah ben Tradyon a submeter-se às normas romanas, assim como Pappias ben Judah tentou o mesmo com Rabi Akiva, porém ambos falharam¹³⁴.

Rabi Akiva era um racionalista-pacifista, assim como Johanan ben Zakkai havia sido no seu tempo. Akiva discordava inicialmente da postura de Johanan ben Zakkai, que negociou com Vespasiano a salvação de lavne, mas não a de Jerusalém:

The verse ‘He turneth wise men backward and maketh their knowledge foolish’ (Is 44:25) applies to Johanan ben Zakkai, as he stood before the Roman general begging for the academy at Yabneh, when he might have saved the Temple at Jerusalem¹³⁵.

¹²⁹ Segundo Kantor (2007, p. 144), o ano seria 123.

¹³⁰ *Talmud Ketubot* 9:9; *Jer. Rosh Hashana* 4:8, 59d; *Rosh Hashana* 32b.

¹³¹ Kantor (2007, p. 144).

¹³² *Talmud Sanhedrin* 74a.

¹³³ Finkelstein (1964, p. 254).

¹³⁴ *Talmud Avoda Zara* 18a; *Berachot* 61a.

¹³⁵ *Talmud Gittin* 56b.

Muito tempo depois, Akiva adere exatamente à postura racionalista-pacifista de Johanan ben Zakkai, adverso à violência. Johanan preferiu a sobrevivência do judaísmo, um sistema de conhecimento e sabedoria, mesmo com o sacrifício da parte ritual ou cerimonial¹³⁶. Esse grupo, adverso à violência, foi chamado de fariseu, e seguia os ensinamentos de Hilel¹³⁷. Rabi Akiva, então, proclama qual deve ser o comportamento dos judeus frente ao perigo representado pelas proibições romanas: “Transgress and suffer not death, he may transgress and not suffer death, excepting idolatry, incest, [which includes adultery] and murder”¹³⁸. Portanto, segundo Rabi Akiva, partes da Lei podem ser abandonadas quando a situação é de risco de vida, mas o estudo da Lei e três princípios primordiais devem ser mantidos: o reconhecimento da existência de um Deus único, a santidade da vida e a pureza familiar¹³⁹.

Em 130¹⁴⁰, Adriano visita Caesarea, sede do governo romano na Judéia. Seu plano era adotar uma única cultura e religião em todo o império, já que a existência de diferentes ideologias e crenças poderia despertar a identidade nacional dos povos conquistados, que, assim, poderiam se rebelar contra Roma¹⁴¹. Adriano decide reconstruir Jerusalém e seu Templo, no intuito de restabelecer Jerusalém como um grande centro comercial e religioso, fazendo um pequeno equívoco: Adriano queria uma cidade integrada com o império de todas as formas, até mesmo religiosa, e não acreditava que os judeus estariam mais preocupados com sua teologia do que com seu pão. Adriano, para o qual a beleza do templo deveria ter muito mais importância do que detalhes sobre rituais e teologia, estava oferecendo um templo pagão ao povo que se submeteu a muitas formas de opressão, mas nunca aceitou a profanação do seu Templo. Adriano estava oferecendo aos judeus um templo onde Júpiter seria cultuado na forma de uma estátua do próprio Adriano. Para os judeus, aquilo era pura

¹³⁶ Finkelstein (1964, p. 259).

¹³⁷ Ibid., p. 257.

¹³⁸ *Talmud Sanhedrin* 74a.

¹³⁹ Finkelstein (1964, p. 261).

¹⁴⁰ Em 132, segundo Kolatch (2003, p. 118).

¹⁴¹ Ben-Dov (2002, p. 143).

megalomania! Aelia Capitolina era uma cidade romana, não judaica¹⁴². O plano de Adriano transformava-o em um novo Antíoco¹⁴³.

Bem no início da agitação, os romanos prenderam Ishmael junto com outros líderes nacionalistas, e condenaram-nos à morte. A liderança da revolta passou dos sábios intelectuais para o estrategista Simeon bar Kohba, que transformou os camponeses patriotas em um exército. Suas primeiras vitórias foram recebidas com entusiasmo pelo povo, que passou a considerá-lo um segundo Macabeu, e até mesmo o Messias¹⁴⁴.

Rabi Akiva passou a ter esperanças, mesmo vendo a desigualdade da luta entre as legiões romanas e os jovens destreinados, e destinou à Simeon o verso de Nm 24:17: “Eu o vejo, mas não no presente; eu o contemplo, mas não de perto; de Jacó procederá uma estrela, de Israel se levantará um cetro que ferirá os termos de Moabe, e destruirá todos os filhos de orgulho.” Rabi Akiva chegou a considerar Simon bar Kokhba como messias¹⁴⁵.

Os judeus, no início do conflito, ocuparam cidades fortificadas e vilarejos, fazendo os romanos recuarem. Com seu sistema de fortalezas e túneis, os judeus chegaram até mesmo a reconquistar Jerusalém, porém, a cidade sem muralhas tornou-se indefensável. Os judeus causaram duras perdas ao exército romano, que concentrou na região nada menos que doze legiões. Bar Kohba chegou até a cunhar moedas comemorando a libertação de Judá¹⁴⁶. Adriano envia Julius Severus, general engajado na guerra nas ilhas britânicas, com dois a três vezes mais soldados do que os judeus¹⁴⁷. Os métodos romanos foram lentos, mas sistemáticos e certos, separando e isolando as forças rebeldes até o cerco completo dos últimos focos de resistência, com a ajuda dos samaritanos e dos habitantes de Tiberias e Seforis. A última grande fortaleza dos judeus, Betar, que se localiza a sudoeste de Jerusalém, caiu no ano de 135¹⁴⁸, de forma terrível – o sangue das vítimas, sobre o qual os cavalos caminharam,

¹⁴² Finkelstein (1964, p. 263).

¹⁴³ Ben-Dov (2002, p. 143); Finkelstein (1964, p. 268).

¹⁴⁴ Finkelstein (1964, p. 269).

¹⁴⁵ *Talmud Taanit* 4:7, 68d; Bader (1988, p. 263); Kantor (2007, p. 144).

¹⁴⁶ Bader (1988, p. 266-267; Kantor (2007, p. 144).

¹⁴⁷ Bader (1988, p. 266-267); Dio Cassius (69:13).

¹⁴⁸ Johnson (1988, p. 141).

formou um riacho que fluiu até o Mediterrâneo¹⁴⁹. Bar Kohba, líder da rebelião, foi morto em Betar¹⁵⁰. O Talmud conta que a causa da queda da cidade foi Bar Kohba ter assassinado Rabi Eliezer de Modiin por suspeita de negociações com os romanos¹⁵¹.

Em três anos, os romanos destruíram toda a resistência judaica e encharcaram a terra de sangue. O balanço final da revolta contra os romanos foi terrível: 985 cidades e 50 fortes destruídos, 580.000 judeus mortos seja pela espada, pelo fogo, pela doença ou pela fome. A terra de Judá ficou, em sua maior parte, abandonada¹⁵², apesar de que academias rabínicas floresceram em diversos lugares, como Beit Shearim, Cesária e Tibérias. Centenas fugiram para a Babilônia¹⁵³, onde foram criadas as academias de Sura e Pumbedita, que permaneceram até o décimo-primeiro século¹⁵⁴.

Aos que restaram, veio a proibição de observar sua lei ancestral. Jerusalém foi renomeada como Aelia Capitolina, proibida aos judeus, Judea como Palestina, o templo de Júpiter foi construído sobre o Templo do Monte Moriá com uma estátua do imperador e, no local onde os cristãos consideravam ser a sepultura de Jesus, foi estabelecido outro templo pagão, dedicado a Vênus. Aelia nunca teve o poder ou a influência de Jerusalém, permanecendo como uma pequena vila¹⁵⁵. As consequências históricas das duas catástrofes, dos anos 70 e 135, foram a separação definitiva entre judaísmo e cristianismo e a substituição do judaísmo físico nacional pelo estudo e observância da Torá¹⁵⁶.

Não há evidências da participação de Rabi Akiva na rebelião¹⁵⁷. Akiva, já idoso, não foi preso, o que talvez indique que sua participação na rebelião não foi ativa. Mas ele só poderia observar a Lei em segredo, assim como os outros judeus, e ele continuou com sua batalha pacífica pela continuidade do judaísmo,

¹⁴⁹ Bader (1988, p. 268).

¹⁵⁰ Johnson (1988, p. 142).

¹⁵¹ Bader (1988, p. 268).

¹⁵² Dio Cassius (69:13-14); Johnson (1988, p. 142).

¹⁵³ Finkelstein (1964, p. 269); Kantor (2007, p. 145).

¹⁵⁴ Johnson (1988, p. 151).

¹⁵⁵ Finkelstein (1964, p. 270).

¹⁵⁶ Johnson (1988, p. 143, 147).

¹⁵⁷ Ginzberg (2011).

dando aulas, promovendo encontros em público ou em ambientes particulares, e convidando seus alunos para discutirem a Lei durante jantares¹⁵⁸.

Os romanos, finalmente, proibiram não somente a prática, mas também o estudo da Torá, provavelmente no ano 134, após a queda de Betar. Rabi Akiva, desconsiderando o perigo do momento, pensando apenas na continuidade e no futuro, manteve suas atividades¹⁵⁹. Portanto, acabou sendo capturado pelos romanos, que hesitaram em executá-lo, e mantiveram-no preso por três anos¹⁶⁰. Provavelmente trataram-no com uma certa consideração, pois ele recebia continuamente a visita de seus alunos Joshua Hagarsi e Simeon ben Yohai¹⁶¹. Antes de sua morte, ainda colocou ordem no calendário, que estava negligenciado há alguns anos¹⁶², e legislou em favor de maior leniência em diversos casos, como no caso da obrigação do marido escrever o documento de próprio punho quando houver divórcio – Rabi Akiva legislou que o marido precisaria apenas supervisionar a escrita, já que muitos não possuíam a habilidade de escrever¹⁶³. Quando os romanos ficaram sabendo que ele continuava legislando, enviaram-no para Cesarea. Ainda assim, os judeus continuaram com planos para consultá-lo, gritando perguntas próximo à prisão ou infiltrando pessoas na prisão para consultá-lo¹⁶⁴.

Rabi Akiva foi finalmente julgado por seu velho conhecido, Rufus, de forma indefensável, por ter desrespeitado a lei romana. Condenado à morte, foi torturado de forma terrível: sua carne foi rasgada de seu corpo ainda vivo com pentes de ferro¹⁶⁵.

2. Princípios de Rabi Akiva

¹⁵⁸ Finkelstein (1964, p. 272).

¹⁵⁹ Ibid., p. 272.

¹⁶⁰ Johnson (1987, p. 152).

¹⁶¹ *Talmud Eruvin* 21b.

¹⁶² *Tossefta Sanhedrin* 2.8, p. 417.

¹⁶³ *Talmud Gittin* 6:7.

¹⁶⁴ *Talmud Yebamot* 12:5; 108b.

¹⁶⁵ Bader (1988, p. 269); Finkelstein (1964, p. 276); Johnson (1987, p. 152). Pentes de ferro eram utilizados para tirar piolhos de cavalos.

As narrativas do Talmud nos descrevem um Rabi Akiva com os seguintes princípios: contrariedade à superstição, respeito à educação, leniência na punição, atitude favorável com relação à mulher, bondade com relação aos escravos e crença na igualdade humana.

Para Rabi Akiva, não há lugar na religião para a superstição. A contrariedade à superstição pode ser entendida, em parte, como uma repulsa de Rabi Akiva contra o costume, ainda existente em sua época, do uso de ossos como amuletos. Mesmo após sua geração, há um caso relatado no Talmud, de Johanan ben Napaha, que carregava consigo um osso de seu falecido filho, com a intenção de consolar sofrendores¹⁶⁶. Também não se deve acreditar em dias de bom ou mau presságio¹⁶⁷, nem utilizar fórmulas mágicas para curar enfermos¹⁶⁸.

Rabi Akiva era extremamente humilde, sem traços de orgulho ou vaidade¹⁶⁹. “It cannot be that you have assembled because I am a sage, for there are among you many who are far wiser...”¹⁷⁰. Considerava a educação e as boas maneiras fundamentais. “Farás o que é justo e bom...” (Dt 6:18), significa, segundo Rabi Akiva, aquilo que é justo para os olhos divinos e bom para os olhos humanos. Rabi Akiva elogiava três hábitos da Média: colocam carne para ser cortada sobre a mesa; beijam uns aos outros nas mãos; discutem questões pessoais apenas no campo, onde não há outros ouvindo¹⁷¹. Considerava graves as explosões de raiva: “a person who tears his clothes or breaks dishes in anger will end by worshipping idols”; “One who throws bread on the ground or scatters money when one is angry will live to be in need of charity”¹⁷². Por outro lado, valorizava a alegria, “Sing continuously, sing!”¹⁷³, assim como o silêncio, “The fence that protects wisdom is silence”¹⁷⁴. Não gostava do hábito de passar um copo de boca em boca, todos tomando do mesmo copo¹⁷⁵. Rezava devagar em

¹⁶⁶ *Talmud Berachot* 5b.

¹⁶⁷ *Midrash Sifre Deut* 171; *Midrash Tanaim* 18:10, p. 110; *Tossefta Shabat* 7(8):14, p. 118.

¹⁶⁸ *Talmud Sanhedrin* 10:1.

¹⁶⁹ Finkelstein (1964, p. 184).

¹⁷⁰ *Talmud Moed Katan* 21b.

¹⁷¹ *Talmud Berachot* 8b.

¹⁷² *Talmud Abot R. Natan* I 3:8a.

¹⁷³ *Talmud Sanhedrin* 99a; *Pará* 4:7, p. 633.

¹⁷⁴ *Talmud Avot* 3:17.

¹⁷⁵ Finkelstein (1964, p. 182).

recinto privado e rápido em público, para não deixar os outros esperando¹⁷⁶. Considerava de vital importância o respeito aos sábios e aos mais velhos: um jovem, Judah ben Nehemiah, derrotou Tarfon em uma argumentação, e comemorou publicamente sua vitória. Rabi Akiva, vendo aquilo, comentou: “Your face glows because you have refuted the old sage. I doubt whether you will live long”. Judah ben Ilay conta que esse fato ocorreu durante o festival da Páscoa; durante o festival de Pentecostes, ficou sabendo que Nehemiah havia falecido¹⁷⁷.

Rabi Akiva era averso à severidade punitiva. A confissão deveria cancelar a punição¹⁷⁸ e um único mérito poderia garantir ao homem a vida eterna¹⁷⁹. Os membros do Sinédrio deveriam permanecer em jejum durante todo o dia, quando julgassem alguma pena capital¹⁸⁰. Porém, ele próprio afirmou que, se fizesse parte do tribunal rabínico quando este possuía o poder de executar pena capital, nunca condenaria um homem à morte¹⁸¹. Até mesmo com relação aos suicidas e aos mortos, Rabi Akiva era leniente: “Let him rather remain undescribed. Do not praise him and do not blame him”¹⁸²; “The punishment of the sinful in Gehenna is limited to twelve months”¹⁸³. Apenas nos casos de humilhação pública, Rabi Akiva era menos leniente, como é o exemplo do homem que insultou uma mulher descobrindo sua cabeça em público – a pena foi de 400 zuz¹⁸⁴. A função do sofrimento durante a vida do homem honesto é poupá-lo de um sofrimento ainda maior no mundo futuro¹⁸⁵.

Para Rabi Akiva, não havia inferioridade feminina¹⁸⁶. A verdadeira riqueza era “uma esposa que é graciosa em seus atos”¹⁸⁷. A mulher tinha o direito de se enfeitar mesmo durante o período menstrual, já que a mulher não pode ser vista

¹⁷⁶ *Tossefta Berachot* 3:5, p. 6.

¹⁷⁷ *Talmud Menahot* 68b.

¹⁷⁸ *Tossefta Makot* 1:1, p. 438.

¹⁷⁹ *Talmud Jer. Kiddushin* 1:9, 61d.

¹⁸⁰ *Talmud Sanhedrin* 63a.

¹⁸¹ *Talmud Makkot* 1:10.

¹⁸² *Talmud Semahot* 2, p. 102.

¹⁸³ *Talmud Eduyot* 2:10.

¹⁸⁴ *Talmud Baba Kama* 8:6. 1 zuz equivale a 3,585 gramas (*Talmud Shabat* 81a).

¹⁸⁵ “God inflicts slight pain on the righteous in this world to save them from severer punishment in the future world” (*Midrash Gn Raba* 33:1, p. 298).

¹⁸⁶ *Talmud Nedarim* 11:4, Finkelstein (1964, p. 190).

¹⁸⁷ *Talmud Shabat* 25a.

como um instrumento de desejo do homem¹⁸⁸. Um casamento é adequando quando há compatibilidade e amor, e nenhum obstáculo moral ou legal¹⁸⁹. Rabi Akiva tinha um especial apreço pelo livro Cântico dos Cânticos, do Rei Salomão, um poema alegórico que descreve o amor entre Deus e Israel, no qual o amor entre marido e esposa é elevado a um patamar de extrema beleza: “For all the books in Scripture are holy, but the Song of Solomon is the holy of holies”¹⁹⁰.

Rabi Akiva mostrava antipatia a qualquer forma de escravidão¹⁹¹. Não havia maneira de emancipação dos escravos, portanto, Rabi Akiva procurou diminuir o fardo dos menos afortunados de algumas maneiras: fixando o prazo máximo de escravidão em seis anos¹⁹²; abolindo o duplo papel da mulher como escrava e concubina¹⁹³; e proibindo um judeu cativo que foi redimido ser escravizado pelos seus redentores¹⁹⁴. Quanto aos pobres, somente trapaceiros e aqueles que não casam suas filhas podem ser considerados pobres¹⁹⁵. A lei não deve excluir nem exigir pesados sacrifícios dos grupos sociais mais fracos. Como a lei é passível de interpretações, deve ser utilizada para retificar desigualdades, e as regras devem favorecer os grupos mais oprimidos¹⁹⁶.

Os ideais de paz e igualdade humana são princípios fundamentais da religião: “The fundamental principle of the Torah is the commandment: ‘Love thy neighbor as thyself’” (Lev 14:18)¹⁹⁷.

Não havia parte alguma da Torá sem significado para Rabi Akiva: “And if you think it empty, it is because of your inability to interpret it”¹⁹⁸.

¹⁸⁸ *Talmud Shabat* 64b; *Jer. Gittin* 50d.

¹⁸⁹ *Talmud Yebamot* 4:12-13; Finkelstein (1964, p. 190).

¹⁹⁰ *Talmud Yadaym* 3:5.

¹⁹¹ Cf. Lv 25:42: “Na verdade, eles são meus servos, pois os fiz sair da terra do Egito, e não devem ser vendidos como se vende um escravo”.

¹⁹² Cf. Ex 21:2: “Quando comprares um escravo hebreu, seis anos ele servirá; contudo, no sétimo ano sairá livre, sem pagar nada pela liberdade”.

¹⁹³ *Midrash Mekhilta Mishpatim* 3.

¹⁹⁴ *Talmud Jer. Kiddushin* 1.2, 59b.

¹⁹⁵ *Talmud Sanhedrin* 76a. “The poorest man in Israel must be considered as a patrician who has lost his property; for they are all descendants of Abraham, Isaac and Jacob” (*Talmud Baba Kama* 8:9).

¹⁹⁶ Finkelstein (1964, p. 177-178).

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 210.

¹⁹⁸ Rabi Akiva, comentando o versículo “For it is no empty thing for you” (Dt 32:47). (*Midrash Gn Rabah* 1:14, p. 12; 22:2, p. 206; *Talmud Hagiga* 12a).

As opiniões de Rabi Akiva normalmente apresentavam leniência e esperança em dias melhores. Porém, com relação às dez tribos perdidas, Rabi Akiva demonstra desesperança: “Just as the day goes, never to return, so they have gone, never to return”. Eliezer ben Hyrkanos discorda: “On the contrary, just as the day becomes dark and then light, so they also having been reduced to darkness, will come back into light”¹⁹⁹.

Rabi Akiva gostava de agradecer e reconhecer bondades. Portanto, insere mais uma bênção na prece de agradecimento após as refeições (“Aquele que é Bom e faz o bem”)²⁰⁰. Sua máxima favorita provavelmente era “tudo o que Deus faz é para o bem”²⁰¹.

3. Parábolas de Rabi Akiva, segundo o Talmud

Sua máxima favorita provavelmente era “tudo o que Deus faz é para o bem”. Há uma parábola no Talmud que ilustra essa ideia: uma vez, durante uma viagem, Rabi Akiva não conseguiu acomodação em uma certa cidade, e foi obrigado a passar a noite fora das muralhas. Não reclamou, acreditando que tudo é para o bem, nem mesmo quando um leão devorou seu burro de carga, um gato selvagem matou seu galo despertador, e um vento apagou a sua vela, com a qual estudava durante a noite. Na manhã seguinte, obteve a comprovação da veracidade de sua máxima: uma quadrilha de ladrões atacou a cidade durante a noite e levou os habitantes cativos, mas Rabi Akiva escapou por estar fora da cidade, sem os seus animais que fariam barulhos, e sem a sua vela acesa que chamaria a atenção sobre a sua posição²⁰².

Rabi Akiva e o governador romano Tineius Rufus possuem diversas discussões registradas. Uma delas é a seguinte:

Rufus: “What do you consider superior, divine creation or human art?”

Akiva: “Human art.”

¹⁹⁹ *Talmud Sanhedrin* 10:3.

²⁰⁰ Finkelstein (1964, p. 220).

²⁰¹ “Whatever God doeth He doeth for the best” (*Talmud Berachot* 60b, tradução nossa).

²⁰² *Talmud Berachot* 60b.

Rufus: “How can you say that? Can man bring into being anything which approaches the beauty and dignity of heaven and earth?”

Akiva: “... Consider ear of grain and loaves of bread. The ears of grain are the creation of God, the loaves of bread are manufactured by men. Which are more useful?”²⁰³

A parábola do peixe e da raposa e seu contexto:

Our Rabbis taught: Once the wicked Government [Roman] issued a decree forbidding the Jews to study and practise the Torah. Pappus b. Judah came and found R. Akiba publicly bringing gatherings together and occupying himself with the Torah. He said to him: Akiba, are you not afraid of the Government? He replied: I will explain to you with a parable.

A fox was once walking alongside of a river, and he saw fishes going in swarms from one place to another. He said to them: From what are you fleeing? They replied: From the nets cast for us by men. He said to them: Would you like to come up on to the dry land so that you and I can live together in the way that my ancestors lived with your ancestors? They replied: Art thou the one that they call the cleverest of animals? Thou art not clever but foolish. If we are afraid in the element in which we live, how much more in the element in which we would die!

So it is with us. If such is our condition when we sit and study the Torah, of which it is written, For that is thy life and the length of thy days [Dt 30:20], if we go and neglect it how much worse off we shall be!

It is related that soon afterwards R. Akiba was arrested and thrown into prison, and Pappus b. Judah was also arrested and imprisoned next to him. He said to him: Pappus, who brought you here? He replied: Happy are you, R. Akiba, that you have been seized for busying yourself with the Torah! Alas for Pappus who has been seized for busying himself with idle things!²⁰⁴

O martírio de Rabi Akiva e sua ideia sobre “amar a Deus com toda sua alma”:

And thou shalt love the Lord thy God etc. [Dt 6:5] It has been taught: R. Eliezer says: If it says “with all thy soul”, why should it also say, “with all thy might” [“money”], and if it says “with all thy might”, why should it also say “with all thy soul”? Should there be a man who values his life more than his money, for him it says; “with all thy soul”; and should there be a man who values his money more than his life, for him it says, “with all thy might”.

R. Akiba says: “With all thy soul”: even if He takes away thy soul [your life].

When R. Akiba was taken out for execution, it was the hour for the recital of the Shema, and while they combed his flesh with

²⁰³ *Midrash Tanhuma Tazria* 9.

²⁰⁴ *Talmud Berachot* 61b.

iron combs, he was accepting upon himself the kingship of heaven. His disciples said to him: Our teacher, even to this point? He said to them: All my days I have been troubled by this verse, “with all thy soul”, [which I interpret,] “even if He takes thy soul”. I said: When shall I have the opportunity of fulfilling this? Now that I have the opportunity shall I not fulfil it? He prolonged the word ehad [one] until he expired while saying it. A bath kol went forth and proclaimed: Happy art thou, Akiba, that thy soul has departed with the word ehad!²⁰⁵

O martírio de Rabi Akiva é um marco na história judaica por diversos motivos. Em primeiro lugar, por estar presente nas mentes e corações do povo judeu por quase dezenove séculos, como parte da liturgia do dia mais importante do calendário judaico, o Yom Kipur, o dia do perdão²⁰⁶. Em segundo lugar, por ter se tornado uma inspiração para diversos poemas, tendo adquirido proporções lendárias – mesmo que a narrativa reflita da forma mais perfeita possível a pura realidade dos fatos ocorridos. Em terceiro lugar, como um exemplo a ser seguido de obstinada fidelidade à fé em situações de perigo extremo – exemplo esse que foi seguido em diversas gerações posteriores.

4. Importância

Rabi Akiva desenvolveu-se de um analfabeto de família humilde²⁰⁷ para o mais erudito e prestigioso sábio judeu de sua geração²⁰⁸. O “pai do juídamo rabínico”²⁰⁹, aquele que ocupa o “maior lugar de honra entre todos nossos heróis nacionais”²¹⁰. Chegou a ter milhares de alunos²¹¹, que se tornaram a maioria dos grandes sábios da geração seguinte²¹². Seu nome é mencionado mais de 2300 vezes no Talmud²¹³.

²⁰⁵ *Talmud Berachot* 61b.

²⁰⁶ Lv 23: 26-32; Nm 29:7-11.

²⁰⁷ *Talmud Berachot* 27b.

²⁰⁸ Kolatch (2003, p. 115).

²⁰⁹ *Talmud Jer. Shek.* 3:47b; *Rosh Hashana* 1:56d.

²¹⁰ Bader (1988, p. 257).

²¹¹ Segundo diversas opiniões, Rabi Akiva chegou a ter 12000 (*Gn Raba* 41:3), 24000 (*Talmud Yebamot* 62b) ou 48000 (*Talmud Nedarim* 50a) alunos.

²¹² Finkelstein (1964, p. 4). Segundo Ginzberg (2011), os maiores sábios da geração seguinte foram seus alunos, e não apenas a maioria deles.

²¹³ Kolatch (2003, p. 115).

Rabi Akiva foi o sábio que definiu o cânone dos livros da Bíblia Hebraica²¹⁴. Sua esfera de influência se estende desde as leis judaicas até a ética e a teologia²¹⁵.

Our Mishnah comes directly from Rabbi Meir, the Tosefta from R. Nehemiah, the Sifra from R. Judah, and the Sifre from R. Simon; but they all took Akiba for a model in their works and followed him²¹⁶.

Os talmudistas consideram seu trabalho tão importante que afirmam ter Rabi Akiva salvado a Torá do esquecimento, e comparam seu trabalho com os de outros grandes sábios: "Had not Shafan arisen in his time, and Ezra in his time, and Akiba in his time, would not the Law have been forgotten in Israel?"²¹⁷.

Uma narrativa talmúdica evidencia sua grandeza de caráter: quando um feixe de palha era tudo que Rabi Akiva e sua esposa possuíam, um pobre veio mendigar palha para a cama de sua esposa enferma. Rabi Akiva dividiu com o homem seu já escasso feixe, dizendo para sua esposa: "Thou seest, my child, there are those poorer than we!"²¹⁸.

Outras narrativas talmúdicas utilizam-se dos personagens Adão e Moisés para a glorificação desse personagem.

Simão ben Lakish afirma que Adão, antes de falecer, recebeu a permissão divina para ver todas as gerações seguintes, e se pronunciou pela primeira vez ao ver Rabi Akiva, "He rejoiced in Akiba's learning and was saddened by his death"²¹⁹.

O grande profeta Moisés também recebeu a permissão divina para conhecer Rabi Akiva.

Rabbi Yehuda said in the name of Rav: When Moshe went up to the Heavens [at Mt. Sinai], he found God sitting and fastening crownlets to the letters of the Torah. He asked: Master of the universe, who is delaying you [in this way the giving of the Torah]? God responded: There will be a man who will live many

²¹⁴ *Talmud Sanhedrin* 10:1; *Yad* 3:5; *Megilla* 7a; Ginzberg (2011).

²¹⁵ Finkelstein (1964, p. 4).

²¹⁶ Johanan bar Nappaha (*Talmud Sanhedrin* 86a).

²¹⁷ *Midrash Sifre Dt* 48.

²¹⁸ *Talmud Nedarim* 50a.

²¹⁹ *Talmud Aboda Zara* 5a.

generations from now whose name is Akiva son of Joseph, and he will derive heaps of laws from every jot and tittle. Moshe said: Master of the universe, show him to me! God replied: Turn around. Moshe went and sat behind the eighth row of students [in Akiva's Beit Midrash]. He did not understand what was being said. Moshe felt faint. But when the discussion reached a certain point, Rabbi Akiva's students asked: 'Rabbi, what is the source of the authority of these teachings?' Rabbi Akiva replied: Halacha L'Moshe miSinai, This is law given to Moshe at Sinai.' Moshe's mind settled. Moshe returned to God and said: Lord of the Universe, you have such a man [as Akiva] and yet you give the Torah through me? God replied: Be silent: Thus have I decided²²⁰.

Rabi Akiva é também um personagem importante no poema litúrgico *Ele Ezkara*²²¹, no qual dez sábios do povo de Israel são cruelmente assassinados por ordens do imperador romano para expiar a culpa dos irmãos de José, que o sequestraram e venderam. O martírio dos dez sábios tem emocionado os corações do povo judeu desde então, por muitas gerações. A narrativa é repetida ano após ano no dia mais importante do calendário judaico, o *Yom Kipur*. Além disso, tornou-se a inspiração para diversos poemas, litúrgicos ou não. A ideia central do poema é que o poderoso Império Romano, mesmo vencendo a guerra, não conseguiu quebrar o espírito do obstinado povo de Israel, que se manteve fiel às suas tradições em situações adversas.

Bibliografia

BADER, Gershom. *The Encyclopedia of Talmudic Sages*. Trad. Solomon Katz. Northvale (NJ): Jason Aronson Inc., 1988.

BEN-DOV, Meir. *Carta's Illustrated History of Jerusalem*. Second Updated Edition. Jerusalem: Carta, The Israel Map and Publishing Company, Ltd., 2006.

²²⁰ *Talmud Menakhot* 29b.

²²¹ O poema litúrgico *Ele Ezkara* pode ser encontrado tanto em hebraico quanto em inglês, em versões disponíveis para download, no site *An Invitation to Piyut*, disponível em: <<http://old.piyut.org.il/textual/english/575.html>> (hebraico) e <<http://www.piyut.org.il/textual/575.html>> (inglês), acesso em: 18/02/16. Uma versão em português pode ser conferida no *Machzor Completo*. Português. Jairo Fridlin; Vitor Fridlin [org.; ed.]. São Paulo: Sefer, 1997, p. 287-290. Esta versão em português traduz *Ele Ezkara* como “Estes eu recordarei” (p. 287).

DIO, Cassius. *Roman History*. Vol. V. Livro 69. [Ebook]. Trad. Herbert Baldwin Foster. The Project Gutenberg, 2004, disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/10890/10890-h/10890-h.htm#b69>>, acesso em: 29/11/2018.

FINKELSTEIN, Louis. *Akiba: Scholar, Saint and Martyr*. New York: Atheneum, 1964.

GINZBERG, Louis. *Akiba ben Joseph*, em: Jewish Encyclopedia. New York: The Kopelman Foundation, 2002-2011, disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/1033-akiba-ben-joseph>>, acesso em: 28/11/2018.

JASTROW, Marcus [ed.]. *A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. New York: The Judaica Press, 1996.

JOHNSON, Paul. *A History of the Jews*. New York: Harper Perennial, 1987.

Judaic Classics: The Soncino Talmud. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.

KANTOR, R. Mattis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. 4^a Ed. New York: Zichron Press, 2007.

KOLATCH, Alfred J. *Masters of the Talmud: Their Lives and Views*. New York: Jonathan David Publishers, 2003.